

## RAZÃO E SENTIMENTO

O predomínio da **razão** levou à perda da valorização dos sentidos, da sensibilidade, dos sentimentos, das motivações, das intenções da alma, da consciência, do espírito, da estética, da forma, da ética, dos valores, da qualidade e da experiência, aspectos amplamente proclamados pela teologia da ternura.

É preciso fazer uma distinção entre **racionalidade** e **racionalização**.

A **racionalidade** significa que o ser humano, além de ser um ser de sentimentos, emoções, transcendência e relação, é capaz de pensar, de tomar consciência de si mesmo e dos outros, de refletir sobre os fatos e a história e interpretá-los, tomar decisões, como um *ser pensante e agente*.

A verdadeira racionalidade é construtiva, aberta, crítica no geral e crítica frente a si mesma.

A racionalidade reconhece, por exemplo, a possibilidade da própria racionalização (tudo sob a égide da razão), reconhece a possibilidade dos próprios limites passíveis de desumanização. Assim, ser racional no campo das ciências não é garantia de ser racional no campo da afetividade e da vida.

A **racionalização**, por sua vez, trata de ver e resolver a vida, os fatos, tudo e somente sob o prisma da razão, deixando de lado o aspecto simbólico e dos sentidos.

A racionalização é fechada, firme na sua certeza, não se abre à dúvida sobre si mesma e sobre o mundo, a vida.

### Pensar com os sentidos

Xavier Melloni, Sal Terrae, n. 1.032 (2000), pp. 191-202

Cada um de nós é um mundo dentro do Mundo. Este contato se estabelece pelos **sentidos**: viemos ao Mundo e entramos em nosso mundo através dessas cinco portas. Os orientais abrem uma sexta porta: a mente, algo que Zubiri integrará às outras cinco falando da “inteligência sentinte”, ou seja, que toda percepção sensitiva do mundo é sempre, no ser humano, uma percepção já interpretada, uma sensação inteligente.

Por essas portas dos sentidos saímos de nós mesmos para o Mundo, ao mesmo tempo que o Mundo entra em nós. Atender ao modo como transitamos estas aberturas é essencial para crescer em um modo transparente de existir. Porque há um modo de entrar e sair por elas que se pode fazer de maneira aut centrada e depredadora ou de maneira agradecida e geradora de comunhão. Tal é a diferença entre a **sensualidade** e **sensitividade**: a sensualidade implica uma avidez de uma dependência do prazer que os sentidos provocam, enquanto a sensitividade é a receptividade da realidade através dos órgãos da percepção, afinados em seus múltiplos registros.

Como diz um provérbio oriental, para uma pessoa sem controle de si mesma os sentidos são seus piores inimigos; mas, para uma pessoa que se exercite no autodomínio, eles se convertem em seus melhores amigos. Vivemos, no entanto, numa cultura que os exacerba, que os satura, em lugar de desenvolvê-los.

Mas, há ainda mais: atender ao uso dos sentidos pode ser concebido como um “exercício iniciático”.

Exercício iniciático enquanto há um modo contemplativo de estar no mundo que nos capacita para perceber a Deus como Presença primeira e constitutiva da Realidade, pulsando em todas as coisas.

Porque, em definitiva, o que nossos olhos querem ver, o que nossos ouvidos querem ouvir, o que nosso tato quer tocar... é o Rosto-mais-além-dos-rostos que se manifesta através das formas.

Assim, pois, os sentidos não são só portas entre nosso mundo interno e o Mundo exterior, mas umbrais que abrem ao Trans-mundo que pulsa no mundo e ao qual só se pode chegar através do mesmo mundo.

Tal concepção iniciática dos sentidos supõe que o mundo fenomênico não é estorvo, mas manifestação da Presença última que pulsa nas coisas. Trata-se de perceber pelos sentidos que o mundo é incandescência de Deus; ou, dito de outro modo, trata-se de descobrir a dimensão sagrada de toda experiência sensível.

Tais afirmações estão no clima da contemplação inaciana do Deus presente em todos os elementos (EE 235-237). Ou seja, do Deus dançando em sua Criação, revelando a Criação como dança de Deus, mostrando-a como inseparável d’Aquele que se manifesta em sua dança.

Pois bem, para captar isto é preciso estar muito atento ao modo como estamos no mundo. Na tradição inaciana, esta percepção é despertada, de algum modo, através da **Aplicação de sentidos** (EE 121-126) sobre as cenas evangélicas. O que aqui apresentamos é a “aplicação de sentidos” sobre as cenas do mundo para perceber a presença do Invisível, que revelam ao mundo como mistério e transparência.

Enfim, há um modo de ver, de ouvir, de cheirar, de saborear, de tocar e de pensar que nos entorpece e nos fecha em nosso pequeno mundo opaco e aut centrado, enquanto há outro modo que nos abre e nos lança ao Mundo, e que o vai revelando como presença e transparência de Deus.

Diz um provérbio chinês que *“quando os olhos são liberados, começa-se a ver; quando os ouvidos são liberados, começa-se a ouvir; quando a boca é liberada, começa-se a saborear, e quando a mente é liberada, alcança-se a sabedoria e a felicidade”*.

Liberados de quê? Da auto-referência. Talvez a pior enfermidade que o Ocidente padece seja a de ter perdido a capacidade de assombro e de agradecimento, ou seja, a capacidade de abertura ao outro, aos outros e ao Outro. O que diz o provérbio chinês, como o começo do livro do Gênesis, é que o estado original dos sentidos e da mente é a contemplação e a admiração, e não a devoração ou a suspeita.

A existência, antes que ser um problema, é uma oferenda. Uma oferenda que Deus nos faz. Tal oferenda se desata com a própria oferenda. Desse modo, pensar a realidade é recebê-la; ou, o que é o mesmo, **“pensar é agradecer”** (Heidegger).

Assim, a inteligência é chamada a “sentir” o mundo como Tabernáculo de uma Presença. Essa Presença se manifesta quando a pessoa, convertida ela mesma em oferenda, transita por seus sentidos não para arrebatá-los nem devorar o mundo, mas para acolher e receber o que lhe é entregue. O pensar teológico torna-se então discernimento - **conhecimento “sentinte”** - dessa Presença **“advinte”**, tanto mais transparente quanto o modo de estar no mundo se faz mais oblato e menos devorante.

Para isso, vemos a importância do exercício cotidiano dos sentidos, susceptíveis de converter em sagrada a aparente profanidade do mundo. Também vemos que a liturgia e os relatos da ressurreição são excelentes ocasiões para pressentir essa Presença: porque tanto na ressurreição corporal de Cristo como nos sacramentos, os sentidos são convocados ao mesmo tempo que transformados. Através deles alcançamos uma forma de ver, ouvir, cheirar, apalpar, saborear... que abre à percepção dessa Presença e à revelação do sacramento do irmão.

Deste modo, no mundo e através do mundo podemos recriar a experiência dos primeiros discípulos (1Jo 1,1-2): *“... o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam, é nosso tema: a Palavra da vida”*.